



centro budista tibetano

**Kagyü Pende Gyamtso**

Sob a autoridade espiritual de Kyabje Kalu Rinpoche

# A TRANSMISSÃO E A INFLUÊNCIA ESPIRITUAL

Kyabdje Kalu Rinpoche



[kalu.org.br](http://kalu.org.br)



# A transmissão e a influência espiritual

Kyabdje Kalu Rimpoche

*Você começou por seguir um Mestre sublime e você o obedeceu.  
Você em seguida praticou não se importando com os sofrimentos.  
Sua mente e a dele estando enfim unidas você herdou a Linhagem.  
Ó Mestre inigualável, a vossos pés eu me prosterno!*

**O Caminho da Grande Perfeição**

*Patrul Rimpoche*

## **A continuidade de Linhagem:**

O Vajrayana se transmite desde o Buda Vajradhara pelo canal de uma linhagem ininterrupta de mestre a discípulo. Essa Linhagem veicula a palavra e a mente dos Ensinamentos com uma inspiração, uma influência espiritual transmitida pelas habilitações ou iniciações (tib. *wang*), *abhiseka*, em sânscrito; as autorizações da Escritura (*lung*) e as instruções (*tri*).

Um exemplo que facilita a compreensão dessa noção de transmissão de linhagem e a razão pela qual ela deve ser ininterrupta: nesse ambiente, as lâmpadas nos fornecem a luminosidade e a eletricidade vem de uma central que a transmite até aqui por intermédio de um fio. A central elétrica poderia ser comparada ao Estado de Buda; o fio que veicula a eletricidade seria a linhagem de transmissão e a corrente elétrica seria a influência espiritual cuja energia clareia nossa prática e traz luz, que seria nossa mente. Se o fio for cortado, a corrente não passa mais e a lâmpada não pode mais iluminar.

Somos extremamente privilegiados pois a tradição do Vajrayana permaneceu completamente viva: todas as suas instruções chegaram até nós nos dias de hoje sem serem danificadas ou diminuídas. Desde o Buda Vajradhara até os nossos dias, uma linhagem ininterrupta de seres realizados as transmitiu e sua influência espiritual é ainda diretamente acessível por meio das iniciações e outras transmissões.

Essa influência espiritual, a inspiração, não é algo material. Ela não tem forma, cor, aspecto nem o que quer que seja de apreensível no sentido comum, ela opera através do que é denominado *tendrel*, ou seja, as “interconexões” ou as “coincidências”.

A abordagem do Vajrayana e do Mahamudra concede uma importância particular a essa influência espiritual. A inspiração do Lama de Linhagem são o contexto e o elemento ativo que permite reconhecer a natureza da mente bem mais rapidamente que em outras Vias. Uma palavra muito comum de um antigo mestre Kagyu diz:

*“Se o sol da confiança e da devoção do discípulo não toca a montanha nevada da influência espiritual do Lama, não vai fluir o fluxo de inspiração que purifica as impurezas.”*

Uma grande confiança em nosso Lama e uma profunda devoção permitem receber sua influência espiritual e por meio dela, purificar rapidamente as tendências negativas e desenvolver as que são positivas.

## **A função do Lama-Raiz:**

O Lama que escolhemos para ser nosso guia pessoal e com o qual estabelecemos uma relação essencial é denominado nosso “Lama- Raiz”.

Não importa qual Lama qualificado: aquele que conhecemos em um Centro de Dharma ou um outro pode ser nosso Lama-Raiz se tivermos com ele uma afinidade ou uma conexão com o Vajrayana através de uma iniciação.

A nível essencial, o Lama-Raiz é aquele que nos fez reconhecer a verdadeira natureza de nossa mente, ele é a fonte da influência espiritual que nos introduz ao mahamudra, a natureza última da mente, ele é aquele que nos faz reconhecer nossa própria mente como sendo o Dharmakaya. Ele nos dá diretamente o Ensino adaptado que examinamos e praticamos, depois lhe reportamos nossas experiências e ele nos guia mais adiante. Reconhecer a natureza da mente é delicado. Se ela tivesse uma forma ou uma cor, o Lama poderia nos mostrar e nos dizer: “Eis aqui, olhe.” Mas não é esse o caso e ele só pode nos dar as indicações possíveis de conduzir nossa busca pessoal na meditação. Reportamos a ele regularmente nossas experiências, ele nos ajuda a compreendê-las e nos dá novas indicações para que sigamos na busca em uma direção correta, isso se dá até que se chegue a uma experiência incontestável e a realização verdadeira.

Alguns critérios podem ajudar o discípulo na escolha de seu Lama-Raiz. Esse Lama deve inicialmente ter uma vinculação tradicional autêntica, garantindo a regularidade da transmissão; sua compreensão do Dharma deve ser profunda e sua realização efetiva, suas palavras e seus atos devem estar em conformidade; ele deve ser desinteressado, ou seja, não ser motivado por um interesse material ou uma satisfação pessoal. Sua motivação para ajudar os discípulos e todos os seres deve ser sincera, repousando sobre a Bodhicitta, uma compaixão e um amor profundo. É preciso ainda que o Lama e o discípulo possam se comunicar em completa confiança. Aquele que tem essas qualidades e competências pode ser nosso Lama-Raiz. Se com confiança nos dirigimos sinceramente a ele como discípulo, ele se tornará o transmissor da linhagem e a fonte de sua influência espiritual.

O discípulo, por seu lado, deve ter grande confiança e muita disposição para colocar os ensinamentos do Lama plenamente em prática.

Os benefícios decorrentes dessa relação dependem fundamentalmente de dois elementos que são, por um lado, a realização, a compaixão e o amor do Lama por seus discípulos, seus estudantes e todos aqueles que o cercam e, por outro lado, a confiança que os discípulos têm nele. De acordo com uma imagem tradicional, a compaixão do Lama é conhecida como um gancho e a confiança do discípulo como uma argola, o encontro do gancho e da argola ilustra fortemente a conexão que libera do samsara.

Numerosos Lamas têm qualidades sublimes, mas mesmo se eles não as tivessem, se sua conexão, sua motivação e sua intenção de ajudar os seres for correta, a relação com eles pode ser benéfica e nos conduzir para o Despertar.

Em todos os casos, se estabelecemos com um Lama uma relação ao nível do Vajrayana, tendo recebido dele uma iniciação, é fundamental que nossa relação seja positiva; qualquer que seja o comportamento desse Lama é importante guardar “a visão sagrada”. O que quer que ele faça, é preciso que consideremos suas ações como corretos meios de nos ajudar. Se sabemos desenvolver uma tal atitude, ele poderá nos abrir a uma autêntica influência espiritual e progredir para o Despertar. É possível receber uma ajuda

verdadeira mesmo de alguém que não seja perfeitamente puro. Mesmo se o Lama não é, ele mesmo completamente desperto, ele pode dar conselhos e ajudar. Para dar um exemplo: quando alguém conhece uma região, ele pode nos indicar a estrada mesmo que não tenha grandes qualidades ou se é uma má pessoa. Não se pode, por suas ações julgar quem é um grande Lama ou um grande realizado ou quem somente tem a pretensão de sê-lo. Em um determinado estágio, os grandes realizados agem frequentemente de maneira estranha, até extravagante, como por exemplo beber muito vinho ou tendo muitas mulheres etc. Entretanto qualquer um que pretendesse indevidamente ser um realizado encontrar-se-ia em um estado infernal ou se tornaria um animal monstruoso. No que se refere ao discípulo, ele pode ser ajudado por qualquer Lama autêntico no qual ele tenha confiança.

### **Naropa encontra Tilopa:**

*O grande pândita Naropa era o mestre mais renomado da universidade indiana de Vikramashila. Um dia, quando estudava um sábio tratado, uma emanção de seu Buda de meditação, o yidam Vajrayoguine apareceu na forma de uma velha senhora medonha.*

*– Você compreende o que lê? Perguntou ela*

*– Sim, certamente. Ele respondeu*

*– Compreende as palavras ou o sentido?*

*– As palavras. Respondeu ele*

*A velha senhora, feliz colocou-se a rir e dançar. Pensando que ela ficaria mais contente ele acrescentou:*

*– Eu compreendi o sentido também.*

*A velha senhora se mostrou então muito irritada e colocou-se a chorar. Naropa perguntou:*

*– Porque então, estás contente se eu disse compreender as palavras e triste quando disse que compreendia o sentido?*

*Ela respondeu:*

*– Você é um grande erudito e fiquei contente por você ter me dito a verdade ao me dizer que compreendia as palavras; mas quando você disse que compreendia o sentido onde não compreendes nada então fiquei irritada.*

*Consciente de suas lacunas, ele lhe perguntou como fazer para realizar o sentido essencial, e ela aconselhou de ir ao encontro de um certo Tilopa, um grande realizado que reside no Leste que se tornaria seu Lama e poderia instruí-lo. Depois ela desapareceu em arco-íris. Naropa deixou então a universidade e partiu em busca de Tilopa.*

*Ele seguiu por muito tempo para o leste, mas ninguém conhecia Tilopa, o grande realizado.*

*Após ele ter procurado muito, alguém lhe disse:*

*– Na região, não há Tilopa, o grande realizado. Mas nós conhecemos bem um mendicante chamado Tilopa.*

*Naropa então disse a si mesmo que os grandes realizados algumas vezes têm uma aparência não convencional e que poderia talvez ser ele. Ele então seguiu e encontrou um homem que assava peixes sobre o fogo e os engolia estalando os dedos. Naropa chocado pensou que não*

*poderia ser verdadeiramente Tilopa e fez até censuras explicando o quanto era nocivo tomar desta forma as vidas desses peixes. Tilopa respondeu:*

*– ‘Então será melhor eu parar’. Estalou os dedos e as espinhas tornaram-se peixes que saltavam no rio. Naropa então prosternou-se e pediu para aceitá-lo como discípulo.*

*– ‘Sou somente um mendicante!’ respondeu Tilopa.*

*Após Naropa ter insistido muito, Tilopa concordou em dar algumas instruções, enunciou quatro versos e desapareceu. Esse foi o começo do aprendizado de Naropa. Ele descobriu mais tarde que Tilopa não estava matando os peixes motivado pela fome ou qualquer outra dinâmica individual, mas ao comê-los ele tinha o poder de liberá-los de seu karma negativo e de enviar suas mentes para os Campos Puros dos Budas.*

*Naropa precisou passar próximo de Tilopa numerosas provações, principalmente aquelas que são conhecidas como suas doze provações maiores. Naropa o seguia por toda parte, mas por muito tempo Tilopa não deu nenhum ensinamento a ele.*

*Um dia estavam ambos no alto de uma torre alta, Tilopa disse:*

*– Se eu tivesse um discípulo, ele saltaria no vazio do alto dessa torre.*

*Como eles estavam sozinhos, Naropa percebeu que aquilo era com ele e saltou sem hesitação esmagando-se ao chegar no solo. Tilopa desceu pela escada:*

*– ‘Há algo errado?’ perguntou.*

*Naropa expressou sua dor, mas Tilopa o exortou a olhar sua mente, o curou e deu-lhe um ensinamento.*

*Uma outra vez, como eles estavam perto de um imenso fogo, Tilopa disse:*

*– Para obedecer às ordens de seu mestre é preciso saber saltar no fogo.*

*No mesmo estado de mente que precedentemente, Naropa pulou e queimou-se e Tilopa, novamente:*

*– Há algo errado?*

*Ele exortou ainda a olhar sua mente, o curou e deu a ele um outro ensinamento.*

*Em outra circunstância, eles viram passar uma procissão de casamento. Tilopa enormemente impressionado pela beleza da noiva expressou seu desejo de tê-la como companheira e enviou Naropa para trazê-la até ele. Em sua tentativa foi agredido até a morte por todos os convidados em fúria e quando finalmente conseguiu reencontrar Tilopa, foi repreendido por ter se ausentado por tanto tempo.*

*Uma outra vez, Tilopa o enviou para mendigar alimento e ele foi fazer então isso. Muito satisfeito, Tilopa o enviou a buscar novamente, mas o grupo de pessoas que ele pediu não quis dar mais nada. Vendo seu mestre muito contente com o que ele havia trazido, ele roubou um pouco mais, mas foi descoberto e foi então muito agredido e deixado quase morto. Tilopa veio novamente, perguntou se havia algo errado, o exortou a contemplar sua mente e mais uma vez o curou.*

*Um outro episódio ocorreu quando eles tiveram que atravessar um rio cheio de sanguessugas. Tilopa pediu a Naropa para fazer uma ponte com seu corpo para que ele não se molhasse, mas foi tão difícil que Naropa tropeçou e molhou Tilopa.*

– ‘Você quis me fazer cair!’ gritou e bateu copiosamente em Naropa que foi totalmente sangrado pelas sanguessugas...

Naropa passou assim pelas doze provas maiores e doze menores. Após essas provações, um dia Tilopa pediu para ele ir buscar água. Quando Naropa retornou, ele o pegou pela nuca, pegou umas das sandálias e acertou um grande golpe sobre sua frente. Naropa desmaiou e quando retomou a consciência ele havia chegado a perfeita realização do Mahamudra.

Todas as provações de Naropa não foram atividades convencionais do Dharma, mas seguindo as instruções de seu mestre ele eliminou os véus de sua mente, recebeu sua influência espiritual e chegou assim a realização última.

Na relação com o Lama, é importante observar e examinar nossa própria mente, pois, se por tanto tempo não for disciplinada, terá a tendência de ver continuamente falta nos outros. Na relação com o Lama, é preciso considerar que o que vemos de negativo nele é nossa própria projeção, nossa própria negatividade. Como somos seres ordinários, animados por numerosas paixões, temos a tendência de sempre perceber as faltas dos outros. Se temos sujeiras sobre nossa face ao olhar em um espelho veremos nossa própria obscuridade. Quando estamos em relação com o Lama, percebemos frequentemente defeitos nele, mas se sabemos examinar nossa mente, vemos que esses defeitos são a expressão de nossa própria negatividade. Se não podemos fazer, é justo que aceitemos simplesmente a situação pensando: “O que ele faz é problema dele. Quanto a mim, que eu possa em nossa relação praticar bem e bem compreender o Dharma.” Assim, mesmo que ocorra uma dificuldade intransponível em nenhum caso se deve adotar uma atitude negativa ou de rejeição. Em último caso convém abandonar a relação deixá-la na indiferença sem atitude conflituosa.

### ***O infortúnio de Boa-Estrela:***

O monge Boa-Estrela havia servido o Buda Sakiamuni durante vinte e quatro anos. Ele conhecia seus Ensinamentos de cor, mas via uma fraude em todas suas atividades. Um dia ele disse ao Buda Sakiamuni:

– ‘Eis aqui vinte e quatro anos que sou seu servidor, eu não vejo em vós a mínima qualidade. Exceto por essa aura que envolve vosso corpo sou igual a vós, doravante não te servirei mais.’

Ananda que se tornou então o novo servidor do Buda Sakiamuni perguntou-lhe o que aconteceria com Boa-Estrela.

– ‘Ele morrerá em uma semana e renascerá como um espírito ávido.’ Disse o Buda Sakiamuni.

Ananda preveniu Boa-Estrela que disse a si mesmo: “É ainda uma de suas fraudes, mas nunca se sabe... acontece dele estar certo...” Durante uma semana manteve-se em guarda e jejuou. No sétimo dia, com muita fome e sede, ele comeu, bebeu, morreu intoxicado e renasceu efetivamente com espírito ávido.

Há um dito célebre de um precedente Karmapa, o grande mestre da Linhagem Kagyu, que diz:

*Daqueles que me viram, nenhum irá para as existências inferiores, mas daqueles que vivem comigo, nenhum irá para as existências superiores.*

Por que? Pois aqueles que encontram o Karmapa com confiança, profunda aspiração e um estado de mente positiva estabelecem assim uma relação espiritual que os libera, enquanto que aqueles que convivem com ele nas atribuições cotidianas tem tendência a adotar a respeito deles visões e atitudes negativas que são fonte de um karma extremamente negativo. Pode-se comparar o Lama a um fogo cuja influência espiritual aquece e esclarece. Se estamos muito distantes do fogo, não se recebe nem calor nem luminosidade. Mas caso se esteja muito próximo há o perigo de se queimar.

O essencial é, pela relação estabelecida com o Lama, compreender bem o sentido do Ensino e de aplicá-lo verdadeiramente. Não é necessário se inquietar por dúvidas e hesitações que possamos ter: nossa mente estando na confusão, teremos necessariamente dúvidas a respeito sobre o que é verdadeiro, falso, real, irreal, correto, errôneo etc. Mas é importante que aceitemos nossas dúvidas e nossas hesitações e que trabalhem com elas na relação com o Lama, expressando-as honestamente e buscando em suas respostas o meio de as esclarecer e dissipá-las. É por uma relação correta com o Lama que nos abrimos progressivamente a uma atitude de devoção autêntica, ou seja, de confiança e aspiração, permitindo a transmissão da influência espiritual que conduz à Realização.

